

APRESENTAÇÃO

O presente volume contém capítulos formulados em torno da centralidade do debate étnico-racial, de classe e de gênero, que se associam a outras opressões na formação social, histórica e política no Brasil, bem como apresenta suas repercussões na sociedade e na sociabilidade do século XXI, sobretudo para negros e negras. Os esforços de síntese buscaram analisar as bases que estruturam a construção do caráter racista e patriarcal do país, que culmina nas condições desiguais para estes grupos, refletindo parte de importantes pesquisas realizadas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pelos seus egressos e seus/suas orientadores/as.

Ao tratar da agência do tráfico transatlântico negreiro e do processo de escravização dos africanos sequestrados na trajetória de construção do Brasil, Moura (2024) demonstra não só o caráter desumanizante e desumanizador sobre o qual esse comércio infame se pautou, como revela a participação ativa e efetiva dos negros e dos povos autóctones na construção e na economia do país, assim como aponta o processo de resistência e da luta desses povos na exigência de serem reconhecidos como seres humanos e sujeitos.

Para iniciar este volume, o primeiro capítulo, elaborado por Paulo Sundi e Alzira Guarany, aborda a riqueza das cosmogonias e das cosmologias dos inúmeros povos indígenas alertando sobre a importância de sua presença e valorização no meio acadêmico. Trata das contribuições que os saberes ancestrais podem dar à construção de uma sociedade mais justa, preocupada com o meio-ambiente e com as gerações futuras, assim como esses povos têm muito a colaborar com a consolidação de uma democracia substantiva, com a participação de todas as etnias, “raças”, credos, origens, orientações e pluralidades, que compõem o território brasileiro. Todavia, ainda hoje, essas cosmologias e suas cosmogonias sofrem um processo de etnogenocídio e até de desqualificação nos debates políticos, científicos e acadêmicos.

Ainda na ótica da formação econômico-social brasileira, a análise sobre as relações de produção e de trabalho que influencia a divisão sociosexual e racial, se destaca em alguns dos capítulos. Expressam a superexploração do trabalho, mostrando o quanto o racismo é pilar para o processo de manutenção e ampliação do capital. Um dos seus reflexos é o encarceramento em massa, que atinge desproporcionalmente pessoas negras.

Angela Davis, ativista da luta antirracista, do feminismo negro e antiprisional, explica que sua defesa lúcida sobre a abolição das prisões nos Estados Unidos decorre do fato de que este modelo de instituição não promove nenhuma solução para a contenção da violência, além de obstaculizar a garantia de direitos humanos. Para a autora (2018, p. 10), estas pessoas estão “[...] mais propensas a ir para a prisão do que a ter uma educação decente. Quando um grande número de jovens decide se alistar nas forças armadas a fim de escapar [...] de uma temporada na prisão, deveríamos nos perguntar se não é hora de tentar oferecer melhores opções.” Esta discussão é proposta no segundo capítulo por Viviane Maia e Miriam Krenzinger, que relacionam a análise sobre capitalismo, questão racial, a criminologia e a contra-hegemonia forjada na esfera da cultura para compreender o superencarceramento, os modelos de punição e privação de liberdade da população negra, as disparidades de condições sobre essa força de trabalho, assim como as suas formas de resistência na recusa a serem não sujeitos (Fanon, 2022).

Aliás, é importante registrar que o público feminino, em especial as mulheres negras, ocupam lugar de relevo nas análises empreendidas pelas pesquisadoras e pelos pesquisadores deste volume. São capítulos que nos remetem ao debate sobre a subjetividade deste público, expressa, por exemplo, nas produções de hooks (s/d), Jesus (2014) e Kilomba (2019). Dentre tantas contribuições, bell hooks mostra como o sistema escravocrata produziu revezes sobre a capacidade da população negra de amar. Já Carolina Maria de Jesus, revela detalhes sobre as relações entre pobreza e solidão da mulher negra favelada. Grada Kilomba (2019), também discorre sobre as relações entre o racismo e as estratégias do “lugar da Outridade” (p. 188).

O trabalho de Cibele da Silva Henriques, apresentado no terceiro capítulo, nos leva à discussão de Neusa Santos Souza (2021) sobre o mito negro e a ascensão social da população negra, principalmente no percurso feminino. A autora discorre sobre o tema do adoecimento psíquico de mulheres negras, a partir do sistema colonial moderno, que, sob a marca da divisão racial, de gênero e de sexo do trabalho, determina as tarefas de cuidado e domésticas para este grupo, em contraponto ao fortalecimento do *branko*-estar da branquitude, o qual também se compõe de mulheres brancas.

De modo semelhante, o capítulo quatro, produzido por Rosimar Souza dos Santos Borges e Ludmila Fontenele Cavalcanti, trata dos mecanismos criados por professoras da UFRJ, para ocupar o tempo de trabalho remunerado e o tempo de trabalho socialmente não reconhecido, o que culmina em reflexos sobre a saúde destas mulheres. Na mesma esteira, o texto de Daniel Silveira Lopes, discute as implicações do racismo estrutural nas condições de saúde das mulheres em tratamento de câncer no colo do útero, demonstrando os determinantes sociais que interferem no processo saúde/doença, e uma reflexão de como o racismo é um fator de adoecimento.

Beatriz Lima Benjamim e Luana de Souza Siqueira tratam do trabalho reprodutivo e de como é a vida das mulheres no capitalismo. As autoras trazem para o debate os desafios e as desigualdades enfrentados por este público. Já o capítulo sete, discute a precarização do trabalho de mulheres refugiadas. Produzido por Marisa Andrade e Lília Guimarães Pougy, o texto mostra as péssimas condições de vida e de trabalho, assim como o dismantelamento das legislações de proteção social, promovido pelo neoliberalismo nacional e internacional, a despeito de um aparato jurídico-formal que tenta dar conta dos direitos desse grupo populacional que se vê obrigado, por questões alheias à sua vontade, a sair dos seus países para tentar (sobre)viver.

O penúltimo capítulo remete a dois outros relevantes debates que interessam à população negra, pobre e periférica, que é o direito à cidade e o racismo ambiental. O artigo de Pollyanna de Souza Carvalho e Gabriela Maria Lema Icasuriaga discute um antigo problema que moradores de territórios, como nas favelas, enfrentam: a remoção. Neste sentido, Souza (2020) aponta que desde a reforma Pereira Passos até os dias atuais, o objetivo são os mesmos: vigiar e controlar os pobres a partir de sua segregação espacial na cidade. Para encerrar este volume, Carmem Corato e Luis Eduardo Acosta Acosta sintetizam parte do debate que teve centralidade no conjunto de textos reunidos neste volume: a teoria social marxiana e a decolonialidade.

Portanto, concluímos que o conjunto de textos ora apresentados, mesmo aqueles que não traduzem integralmente a abordagem teórico-metodológica ou a postura ético-política das organizadoras, aludem às dimensões estruturais e estruturantes da organização histórica, social, econômica, política e cultural da sociedade brasileira, que, sob a conformação do capital, impõem diferentes formas de opressão aos grupos mais vulneráveis, com destaque para negros, indígenas e mulheres. Nos leva a refletir sobre tais opressões, mas também a pensar em formas de

enfrentamento e resistência. Por isso, esperamos que os textos e reflexões propostos pelos/pelas autores/as deste volume, auxiliem na construção cotidiana de um pensamento mais apurado sobre as questões aqui apresentadas. Que sirvam também como estratégias na luta por uma sociedade igualitária e justa.

As organizadoras

Referências

- DAVIS, Angela. **Estarão as prisões obsoletas?** Tradução de Marina Vargas. 1. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2018.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. RJ: Editora Zahar, 2022.
- hooks, bell. **Vivendo de amor**. Disponível em:
<http://www.olibat.com.br/documentos/Vivendo%20de%20Amor%20Bell%20Hooks.pdf>.
Acesso em: 23 dez. 2023.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.
- MOURA, Clóvis. **Dialética radical do Brasil negro**. SP.: Anita Garibaldi Ed., 2024.
- RIBEIRO, Anna Lyvia Roberto Custódio. **Racismo estrutural e aquisição da propriedade: uma ilustração na cidade de São Paulo**. São Paulo: Contracorrente, 2020.
- SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- SOUZA, Renata da Silva. **Cria da favela: resistência à militarização da vida**. 2. ed. Rio de Janeiro: Boitempo, 2020.